



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16422 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Educação e Arte

CINEMA (EXPANDIDO) E EDUCAÇÃO: UMA PESQUISA COM EXIBIÇÃO EM DÍPTICO

Fernanda Omelczuk Walter - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

CINEMA (EXPANDIDO) E EDUCAÇÃO: UMA PESQUISA COM EXIBIÇÃO EM DÍPTICO

Nesta proposta compartilho um procedimento de pesquisa que buscou cartografar relações entre dois filmes: *O garoto selvagem* (1969) de François Truffaut e *Jonas e o circo sem lona* (2015) de Paula Gomes a partir de uma exibição simultânea em díptico. O que esses dois filmes juntos nos fazem ver? Como organizar essas associações? Que procedimentos nos ajudam a ver o que se passa entre eles? A exibição simultânea aconteceu na sala de cinema da Cinemateca Capitólio em Porto Alegre e durante uma aula de graduação do curso de Pedagogia em uma universidade pública como procedimento de uma pesquisa de pós-doutorado finalizada cujo objetivo geral foi realizar uma análise cartográfica desses filmes.

A primeira inspiração para realizar a exibição simultânea veio da proposta do cineasta brasileiro Glauber Rocha que anos 1980 manifestou o desejo de que três filmes seus fossem projetados simultaneamente: *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), *Terra em Transe* (1967) e *Idade da Terra* (1981). Glauber via nessas obras um único discurso sobre o Brasil, de modo que o experimento visava essa enunciação conjunta partindo de uma experiência didática e estética sem professor explicador ou uma narrativa ordenada sobre os fatos. O espectador é quem faria essas associações (RANCIÈRE, 2012).

A segunda veio das contribuições recentes do campo do cinema e educação e video arte visando construir com as imagens e filmes uma experiência não utilitarista, mas cuja própria materialidade da exibição fosse pedagógica. Considerando assim, o cinema e suas

derivações, em confluências com as artes visuais e práticas contemporâneas como uma experimentação capaz de convocar mecanismos múltiplos na construção do conhecimento, da experiência estética e da subjetividade (BERGALA, 2008; FRESQUET, 2009).

Cohn (2016) aponta que mesmo no ensino das artes o trabalho com o cinema e/ou cinema expandido é pouco presente como arte em si, sendo na maioria das vezes suporte para aulas cujo temas são outros que não o trabalho artístico e os pensamentos que se criam com as imagens e sua montagem e manipulação. São poucas as práticas e os estudos acerca da presença da arte contemporânea e mais especificamente as artes do vídeo em suas diversas manifestações (instalações, performances, videoarte, projeções múltiplas, cinema experimental) nos contextos educativos. Nesse contexto, segundo Parente (2009, p. 45) o termo cinema expandido pode ser caracterizado “por duas vertentes: as instalações que reinventam a sala de cinema em outros espaços e as instalações que radicalizam processos de hibridização entre diferentes mídias”, rompendo com o efeito cinema convencional e demandando do espectador uma participação mais ativa de toda percepção sensorial-corporal na composição com a obra, onde múltiplos filmes podem surgir. Assim, realizamos nossa experiência de projeção em díptico na tentativa de contribuir com o campo do cinema (expandido) e educação, dialogando com as potências pedagógicas estéticas imersivas que as imagens em movimento convocam o espectador a participar.

A exibição em díptico se apoia na hipótese de uma potencialidade pedagógica e estética do cinema expandido - imanente à própria ambiência sensorial proporcionada pela projeção sonora-visual-tátil sem explicar nada obrigatoriamente. A projeção simultânea, desde esse ponto de vista, inspira uma pedagogia e uma ética com as imagens na educação: inventar um mundo conosco, com o que trazemos para se associar, mas não nos obrigar a nada. Para Migliorin e Pipano (2019, p.127) “dizer que a imagem não obriga ninguém a nada significa assumir que ela não é palavra de ordem ou tampouco faz do espectador uma vítima de seus efeitos”, ao modo da emancipação de que nos falava Rancière (2012). Não se trata de mostrar um filme, depois outro e mais outro com o objetivo de se chegar a algum lugar ou explicação que desejávamos de antemão.

Conversamos com os espectadores ao final da exibição em díptico e também solicitamos textos em que relatassem a experiência. Identificamos que as imagens simultaneamente projetadas permitiram desmontar e as associar novamente de um outro modo, devolvendo algo [pensamentos, perguntas, reflexões, ideias] ao mundo sem responder, definir um único caminho ou explicação ou fechar o pensamento sobre questões que atravessam os filmes. Algumas sensações dessa experiência se aproximaram da exibição do tríptico proposto por Glauber Rocha, mas outras se distanciaram. Vivenciamos também uma experiência caótica e disruptiva da narratividade linear e um terceiro filme pareceu se formar em nossa cabeça, com personagens passando de uma cena e/ou filme a outro.

Mas diferente do tríptico de Glauber, houve momentos da experiência de projeção simultânea que experimentamos uma associação que aponta caminhos menos abertos e mais

direcionados do pensamento, como se os dois filmes virassem um só. Algumas cenas chegam quase como se a completar à outra, inclusive em uma espécie de narrativa comum. É possível perceber também uma semelhança física entre os personagens, que situados em tempo-espaço tão distantes se aproximam por aquilo que buscam, pelo que tentam ser capturados, pela coragem. Essa semelhança física entre eles leva o pensamento para as semelhanças entre tantas crianças e infâncias distantes geograficamente, porém próximas pelas dificuldades e pelo aprisionamento. Isso porque “a montagem só é válida quando não se apressa a concluir ou a enclausurar: quando abre e complexifica a nossa apreensão da história, e não quando a esquematiza abusivamente”, diz Didi-Huberman (2020, p. 174). A projeção simultânea agenciou pensamentos às novas imagens parecendo atualizar uma virtualidade para além dos possíveis visualizados nos filmes separadamente. Neste sentido, o experimento do díptico funcionou como uma prática para criação de novos possíveis – a manifestação de um virtual feito criação dentre outras associações que víamos inicialmente, sem esgotar nova aberturas e direções que podem ser exploradas em novos e inventivos experimentos com a videoarte e práticas afins.

Reiteramos que esta pesquisa não visa explicar relações entre os filmes, encontrar verdades ou desseca-los, juntos ou separados, a fim de encontrar conteúdos aplicáveis e reproduzíveis. Desejamos que a partilha de nosso processo e as sensações emergentes com a projeção em díptico dos filmes *O garoto selvagem* e *Jonas e o circo sem lona* provoquem e inspirem práticas e pedagogias inventivas agenciadas aos contextos e suportes empregados por cada professora e estudante ao seu próprio modo de fazer e criar com imagens, filmes e/ou artes visuais, em uma experimentação expandida de educação, expandida de cinema, expandida de sensações, aprendizagens e vida.

Palavras chaves: educação; cinema e educação; cinema expandido.

REFERÊNCIAS

- BERGALA, Alain. *A Hipótese-cinema. Pequeno Tratado De Transmissão Do Cinema Dentro E Fora Da Escola*. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio De Janeiro: Booklink - Cineadlise-fe/Ufrj, 2008.
- COHN, Greice. *A pedagogia da videoarte. A experiência do encontro de estudantes do Colégio Pedro II com obras contemporâneas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Imagens apesar de tudo*. São Paulo: Editora 34, 2020.
- FRESQUET, Adriana (Org.) *Aprender com as experiências do cinema*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2009.
- JONAS e o circo sem lona. Direção Paula Gomes. Salvador, Plano3filmes, 2015. 1 DVD (82 minutos).
- MIGLIORIN, Cezar. PIPANO, Isaac. *Cinema de brincar*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.
- O GAROTO Selvagem. Direção: François Truffaut. 1969. França. 1 DVD (85min).
- PARENTE, André. *A forma cinema: variações e rupturas*. Em: MACIEL, Kátia (Org.)

Transcinemas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.